

BOLETIM DE CONJUNTURA

DIIESE DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE
ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

Número 25 - Novembro de 2020



LONGA CRISE SANITÁRIA E ECONÔMICA NO RADAR

A acentuada elevação no número de casos de Covid-19, ocorrida no final de outubro - a chamada “segunda onda” da pandemia - atingiu praticamente todos os países europeus monitorados pelo Centro Europeu para a Prevenção e Controle de Doenças. As mortes diárias pelo coronavírus, em território europeu, cresceram 40% na última semana, frente à semana anterior, segundo informações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Outros países, como Estados Unidos, Polônia e Rússia, têm apresentado recordes de novos casos diários de Covid-19. Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, França, Reino Unido já adotam *lockdowns* parciais ou totais.

A possibilidade dessa “segunda onda” atingir o Brasil é real e, o que é pior, enquanto o país ainda atravessa a “primeira onda”. Até agora, segundo os dados oficiais, 5,6 milhões de brasileiros estão ou estiveram infectados pelo novo coronavírus e mais de 161 mil vidas de filhos, pais, mães e avós² foram ceifadas, número superior ao de mortos na Guerra do Iraque (2003-2011). No final de outubro de 2020, a cada 3 minutos morria um brasileiro por Covid-19.

No que se refere à saúde, sabe-se até agora que o Sars-Cov-2 (nome científico do novo coronavírus) desencadeia uma reação imunológica que pode ser diferente entre homens e mulheres, jovens e idosos, com a imunidade podendo durar até sete meses³. Contudo, em alguns casos, a resposta imune⁴ pode desencadear reações descoordenadas, que podem agravar muitos casos.

A crise sanitária deve ter impactos de longo prazo nos indivíduos e na economia. A “segunda onda” de contaminações na Europa e nos EUA deve servir como alerta para o povo brasileiro. A

¹<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/11/05/estados-unidos-polonia-republica-tcheca-ucrania-e-russia-tem-recordes-de-novos-casos-diarios-de-covid-19.ghtml>

²<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54621872>

https://blogdoibre.fgv.br/posts/em-busca-do-capital-humano-perdido#_ftn4

³ <https://www.correiobraziliense.com.br/ciencia-e-saude/2020/10/4884359-covid-19-anticorpos-duram-pelo-menos-7-meses-aponta-estudo.html>

⁴ <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2020/09/resposta-imune-descoordenada-pode-explicar-quadros-graves-de-covid-19.html>

demora, a negação da gravidade do problema, a ausência de ações coordenadas acarretou perdas de vidas preciosas de cidadãos brasileiros. Além do governo brasileiro agir com inépcia e descaso, atua deliberadamente no desmonte do maior sistema de saúde pública do mundo –o SUS –, ensaiando a privatização dos serviços básicos de saúde. Novamente, o país tem a possibilidade de se antecipar ao agravamento da pandemia. Países que enfrentaram a pandemia com seriedade, reconverteram⁵ parte das suas linhas de produção para fornecer insumos e equipamentos para saúde, testaram a população, criaram regras e protocolos de distanciamento, rastreamento de contatos conseguiram mitigar a contaminação e evitar centenas de milhares de mortes.

Desemprego

A economia brasileira, que já vinha debilitada, sentiu os efeitos da pandemia e entrou num forte ciclo de retração da atividade econômica (recessão)⁶. Os dados sobre mercado de trabalho demonstram o efeito perverso da crise sanitária. Exemplo disso é a queda na taxa de participação das mulheres na força de trabalho, que atingiu 46,3%, no final do segundo trimestre de 2020, menor resultado desde 1990⁷.

A queda de 12,8% no nível das ocupações, registrada no trimestre terminado em agosto, frente ao trimestre móvel anterior, além de ser disseminada em praticamente todas as atividades econômicas, veio associada à elevação da desocupação⁸.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Pnad Contínua/IBGE, são 13,8 milhões de pessoas desempregadas (14,4% da População Economicamente Ativa). O que significa 1,1 milhão de pessoas a mais, em relação ao mesmo trimestre de 2019). Trata-se do pior resultado da série histórica.

Ainda na mesma base de comparação, a população desalentada (5,9 milhões) ⁹ registrou crescimento recorde, com altas de 8,1% (mais 440 mil pessoas) em relação ao trimestre anterior e 24,2% (mais 1,1 milhão de pessoas) frente ao mesmo trimestre de 2019.

⁵ Ver nota Técnica Dieese n^o 238, de maio de 2020, sobre Reversão Industrial.

⁶ Ver Boletim de conjuntura Dieese n^o 24. Disponível em:

<https://www.dieese.org.br/boletimdeconjuntura/2020/boletimConjuntura024.html>.

⁷ A taxa de participação feminina reflete a porcentagem de mulheres no mercado de trabalho – como ocupadas ou desempregadas – sobre o total de mulheres em idade ativa.

⁸ O IBGE só considera desempregado (em desemprego aberto) quem está efetivamente em busca de uma ocupação.

⁹ Os desalentados são pessoas que gostariam de trabalhar e estariam disponíveis, porém não procuraram trabalho na semana de referência da pesquisa por acharem que não encontrariam. Vários são os motivos que levam as pessoas a desistirem de procurar trabalho, entre eles a falta de oportunidades na localidade; a dificuldade de obtenção de trabalho adequado; a discriminação por ser considerado muito jovem ou idoso, ou não ter experiência profissional ou qualificação.

O número de empregados com carteira de trabalho assinada no setor privado (exceto trabalhadores domésticos), estimado em 29,1 milhões, foi o menor da série, caindo 6,5% (menos dois milhões de pessoas) frente ao trimestre anterior e 12,0% (menos quatro milhões de pessoas) ante o mesmo trimestre de 2019. O número de empregados sem carteira assinada no setor privado (8,8 milhões de pessoas) caiu 5,0% (menos 463 mil pessoas) em relação ao trimestre móvel anterior e 25,8% (menos três milhões) ante o mesmo trimestre de 2019.

O número de trabalhadores por conta própria (21,5 milhões de pessoas) caiu em ambas as comparações: 4,0% (ou menos 894 mil) contra o trimestre móvel anterior e 11,4% (ou menos 2,8 milhões de pessoas) frente ao mesmo período de 2019.

O número de trabalhadores domésticos (4,6 milhões de pessoas) é o menor da série, caindo 9,4% (menos 473 mil pessoas) frente ao trimestre anterior e 27,5% (menos 1,7 milhão de pessoas) frente ao mesmo trimestre de 2019.

A taxa de informalidade chegou a 38,0% da população ocupada (ou 31 milhões de trabalhadores informais). No trimestre anterior, a taxa foi 37,6% e, no mesmo trimestre de 2019, 41,4%.

A massa de rendimento real habitual do trabalho (R\$ 202,5 bilhões) caiu 2,2% (menos R\$ 4,6 bilhões) frente ao trimestre anterior e 5,7% (menos R\$ 12,3 bilhões) contra o mesmo trimestre de 2019.

A pandemia escancarou a desigualdade no país, revelando que negros, mulheres e pobres são os mais afetados¹⁰.

A perspectiva para os próximos meses de 2020 e 2021 é de muita adversidade para o mercado de trabalho brasileiro, com aumento da ocupação (formal e informal), queda da renda real e elevada taxa de desemprego.

Comportamento da Inflação

A inflação, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA-IBGE) foi de 0,86%, em outubro, ficando 0,22 ponto percentual (p. p.) acima dos 0,64% de setembro. Esse é o maior resultado para um mês de outubro, desde 2002, quando o IPCA variou 1,31%. Contribuíram para esse resultado os grupos Alimentação e Bebidas, Artigos de Residências e Vestuário. No ano, o indicador acumula alta de 2,22% e, em 12 meses, de 3,92%, acima dos 3,14% observados nos 12 meses imediatamente anteriores. Em outubro de 2019, a variação havia sido de 0,10%.

O Índice de Preços ao Produtor (IPP-IBGE), da indústria de transformação, acumula alta de 13,77% em 2020, sendo que as quatro maiores variações foram nos segmentos de Alimentos (5,28%), Móveis (4,17%), Indústrias Extrativas (3,81%) e Têxtil (3,56%).

¹⁰dieese.org.br/boletimempregoempauta/2020/boletimEmpregoEmpauta16.html

Os dados da Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, realizada pelo DIEESE¹¹, indicaram que, em outubro, os preços do conjunto de alimentos básicos, necessários às refeições de uma pessoa adulta durante um mês (conforme Decreto-lei 399/38) aumentaram em 15 das 17 capitais pesquisadas. As maiores altas foram observadas em Brasília (10,3%), São Paulo (5,77%) Campo Grande (5,54%) e Goiânia (5,31%).

Em São Paulo, onde foi registrado o maior valor, a cesta custou R\$ 595,87, com elevação de 5,77% na comparação com setembro. No ano, o preço do conjunto de alimentos subiu 17,64% e, em 12 meses, 25,82% na capital paulista.

Os itens da cesta básica, na passagem de setembro para outubro, que registraram maior alta de preços, devido à retração da oferta foram o óleo de soja, o arroz, a carne bovina de primeira, a batata e o tomate.

A retomada de muitas atividades pegou a indústria e a cadeia de fornecedores desmobilizada, com os níveis de estoques baixos, e o descompasso entre a oferta e a demanda de insumos ficou evidente. Contribuiu também para esse quadro a desvalorização do real frente ao dólar, elevando os preços dos insumos importados, impactando a maior parte da indústria. Segundo a Confederação Nacional da Indústria - CNI¹² -, 68% do total das empresas apresentam dificuldade de obter insumos ou matérias-primas no mercado doméstico e 56% têm dificuldade de adquirir insumos ou matérias-primas importados; 82% percebem alta nos preços de insumos. Na avaliação da maior parte da indústria, as dificuldades do mercado de insumos e matérias-primas não irão se resolver ainda em 2020.

Comportamento da Produção Industrial

A produção da Indústria Geral, medida pela Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF/IBGE) cresceu pelo quinto mês seguido e registrou alta de 2,6% em setembro, na comparação com agosto. Os resultados registrados nos cinco meses recuperaram as perdas da produção física de março e abril, quando a indústria atingiu o patamar mais baixo da série, devido à pandemia de Covid-19.

Em relação a setembro de 2019 (série sem ajuste sazonal), a indústria geral cresceu 3,4%, interrompendo dez meses de resultados negativos seguidos nessa comparação. Contudo, o setor acumula perdas de 7,2% no ano e de 5,5% em doze meses.

¹¹ A PNCB tem sido realizada em tomada especial, devido à pandemia provocada pelo coronavírus. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/2020/202010cestabasica.pdf>

¹² Confederação Nacional da Indústria. Sondagem especial - Ano 20, n. 78 (Outubro 2020) / Confederação Nacional da Indústria. – Brasília: CNI, 2020.

Já na indústria de transformação, houve crescimento, tanto na comparação com o mês anterior (3,9%), como em comparação com o mesmo mês do ano anterior (4,4%),

É importante ressaltar que o resultado de setembro, ainda que positivo, é o menor dos resultados positivos registrados nessa sequência de cinco meses, podendo indicar uma estabilização do crescimento da produção.

Outros indicadores de desempenho industrial, medidos pela CNI¹³ (Faturamento, Horas trabalhadas na produção, Emprego, Massa salarial, Rendimento e Utilização da Capacidade) também avançaram em setembro. O faturamento, que em agosto já havia superado o nível registrado antes da pandemia, continuou se expandindo: após cinco altas consecutivas, é o maior desde outubro de 2015. Também o indicador de Utilização da Capacidade Instalada situou-se no maior patamar, desde 2015.

O faturamento real dessazonalizado¹⁴ aumentou 5,2% em setembro, em relação ao mês anterior e, em relação a setembro de 2019, cresceu 12,6%. Contudo, no acumulado do ano, frente ao mesmo período do ano anterior, o setor ainda registra retração de 1,9%.

As horas trabalhadas em setembro cresceram 2,8%, também após ajuste sazonal. O resultado é próximo ao patamar registrado em fevereiro, ou seja, antes do início da pandemia.

Merece destaque o emprego industrial, que registrou seu terceiro mês de crescimento, no ano de 2020 (1,4%). Contudo, em relação a setembro de 2019, o emprego recuou 1,7% e, no acumulado do ano, frente ao mesmo período do ano anterior, a queda foi de 2,6%.

A Utilização da Capacidade Instalada¹⁵ de setembro alcançou 79,4%, ultrapassando o patamar registrado antes da crise. O percentual é o maior, desde abril de 2015.

A massa salarial¹⁶ dessazonalizada aumentou 0,3% em setembro, após alta expressiva de 6,1%, em agosto. Na comparação com setembro de 2019, a massa salarial real da indústria de transformação

¹³Confederação Nacional da Indústria. Indicadores Industriais - Ano 28 • Número 8 • Agosto 2020

¹⁴ Dessazonalizar é o procedimento estatístico de excluir de um conjunto de dados temporais, os efeitos de variações sazonais (relativo ao mês ou estação do ano).

¹⁵ UCI - índice que mede o nível de atividade da indústria mostrando a porcentagem do parque industrial que está operando.

¹⁶ Remuneração paga ao total de empregados da unidade local, no mês de referência da pesquisa, descontada a inflação (INPC/IBGE). São considerados: • Valor bruto dos salários-base; • Valor das horas extras; • Valor do 13º salário (ou parcela deste) no mês de referência da pesquisa; • Valor do aviso prévio; • Valores pagos a título de rescisão de contrato; • Comissões e percentagens; • Abonos; • Ajuda de custo de alimentação (vale-refeição ou vale-alimentação), representação, educação e auxílio-funeral; • Gratificações ajustadas expressa ou tacitamente, tais como as de balanço anual, tempo de serviço e de função ou cargo de confiança; • Prêmios contratuais ou habituais de produtividade, assiduidade, etc.; • Participação nos lucros distribuídos aos empregados; • Adicionais de serviços perigosos, noturnos e insalubres; • Salário-família; • Salário-maternidade, enfermidade, etc.; • Remuneração de 10 dias de férias em dobro (abono de férias: 1/3 do período); e • Remuneração compensatória do banco de horas. Fonte: https://bucket-gw-cni-static-cms-si.s3.amazonaws.com/media/filer_public/e3/25/e32545bc-21e4-4684-93d8-1e0aecf61679/indicadoresindustriais_metodologia_versao_2_5.pdf

registrou retração de 2,8%. O acumulado no ano (janeiro-setembro) mostra retração de 5,6%, no confronto com igual período de 2019.

O rendimento real médio pago aos trabalhadores da Indústria caiu 0,5% em setembro, após alta de 4,6%, no mês anterior. Na comparação com setembro de 2019, o indicador apresenta retração de 1,1%, enquanto o acumulado no ano até setembro registra queda de 3,1%. Cabe sublinhar que tanto a massa salarial quanto o rendimento médio sofrem a influência dos acordos de redução de jornada e salários ou suspensão de contrato.

Comportamento do comércio

O Comércio Varejista cresceu 3,4%, em agosto, na comparação com julho, a quarta alta mensal seguida, após quedas influenciadas pela pandemia, em março e abril. Em relação a agosto de 2019, o varejo cresceu 6,1%. No acumulado do ano, houve queda no volume de vendas de 0,9%. Os dados da Indústria e Comércio surpreenderam positivamente, recuperando boa parte das perdas ocorridas em março e abril. Contudo, ainda não é possível verificar a consistência dessa recuperação no longo prazo.

Negociações coletivas

Segundo o boletim “De Olho nas Negociações”, nº 2¹⁷, os trabalhadores vêm provando certo poder de resistência nas negociações de 2020, diante da grave situação econômica nacional, conforme revela análise dos reajustes registrados no sistema Mediador, do Ministério da Economia. A pesquisa analisou 4.938 reajustes salariais de categorias com data-base entre janeiro e agosto de 2020, registrados até a primeira quinzena de setembro. Os dados mostram que cerca de 43% dos reajustes resultaram em aumentos reais aos salários, 29% em acréscimos iguais à inflação e 28% em perdas reais, com base na variação da inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC-IBGE), desde o último reajuste de cada categoria. A variação real média dos salários em 2020, até o momento, é ligeiramente negativa: - 0,07%.

“A austeridade é a maior aliada do coronavírus no Brasil”¹⁸

No Brasil, o alto grau de incerteza sobre a duração e dimensão da pandemia, bem como seus efeitos na atividade econômica deve-se, em boa medida, à incapacidade do governo federal em compreender a dura realidade e construir cenários que levem em conta o possível recrudescimento da crise sanitária e econômica e a recuperação lenta, que necessite da ação efetiva do Estado. A crença

¹⁷<https://www.dieese.org.br/boletimnegociacao/2020/boletimnegociacao02.html>

¹⁸Dweck, E. Os desafios da pandemia em meio ao desmonte neoliberal no país. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/16179.pdf>

do governo de que o pior já passou e que o mercado deve puxar a recuperação é preocupante e de risco elevado, tendo em vista que dentre os cenários, o mais provável até a efetividade da vacina, é o que exigirá aberturas e fechamentos da economia, com *lockdowns* parciais ou totais.

O Estado precisa ser mais ativo e agir, lançando mão de instrumentos de coordenação de programas de testagem, rastreamento de contato, protocolos rígidos de proteção e distanciamento social, política fiscal que amplie os programas assistenciais para os desempregados e população mais vulnerável, além de coordenar ações voltadas para o complexo industrial da saúde e reconversão industrial.

Nesse sentido, é urgente a implementação de medidas fiscais e tributárias de ampliação e financiamento do gasto público, entre elas: reforma tributária, que eleve a tributação dos super-ricos¹⁹ e a torne mais progressiva; retirada do teto dos gastos; implementação de programa de renda cidadã; elevação no número de parcelas do seguro-desemprego; investimento público para estimular a economia, além de políticas ativas no mercado de trabalho.

Há que se considerar, adicionalmente, que a eleição de Joe Biden à Presidência dos EUA terá impactos sobre o governo Bolsonaro. Não tanto por agendas econômicas ou de política externa muito distintas daquelas do desastroso governo que se finda, mas pelo fato de Bolsonaro e sua equipe terem assumido o vexatório papel de cabo eleitoral do derrotado Trump. É de se esperar que, nos próximos dois anos que lhe restam de mandato, Bolsonaro vá enfrentar constrangimentos diplomáticos do governo Biden em relação ao descalabro ambiental, notadamente pelas queimadas na Amazônia e seus efeitos sobre o aquecimento global e mudanças climáticas.

¹⁹ Espanha: tributação sobre grandes fortunas: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-27/governo-da-espanha-propoe-taxar-mais-ricos-e-grandes-empresas-para-fechar-a-conta-do-coronavirus.html>
Ver propostas no Brasil, disponíveis em: <https://ijf.org.br/campanha-nacional-quer-tributar-super-ricos/>
<https://plataformapoliticasocial.com.br/tributar-os-super-ricos-para-reconstruir-o-pais/> ;
<https://plataformapoliticasocial.com.br/a-reforma-tributaria-necessaria-documento-sintese/>



**O DIEESE precisa do seu apoio para continuar produzindo
CONHECIMENTO A SERVIÇO DA CLASSE TRABALHADORA**

APOIE O DIEESE!

Mais informações: relacionamento@dieese.org.br ou 0800 77 33 117



Escritório Nacional
Rua Aurora, 957, Centro, São Paulo, SP
CEP 01209-001
Tel.: 11 3874-5366 – 11 3821-2199
www.dieese.org.br

Presidente - Maria Aparecida Faria

Sindicato dos Trabalhadores Públicos da Saúde no Estado de São Paulo – SP

Vice-presidente - José Gonzaga da Cruz

Sindicato dos Comerciários de São Paulo – SP

Secretário Nacional - Paulo Roberto dos Santos Pissinini Junior

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Máquinas Mecânicas de Material Elétrico de Veículos e Peças Automotivas da Grande Curitiba - PR

Diretor Executivo - Alex Sandro Ferreira da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de Osasco e Região - SP

Diretor Executivo - Antônio Francisco da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Materiais Elétricos de Guarulhos Arujá Mairiporã e Santa Isabel - SP

Diretor Executivo - Bernardino Jesus de Brito

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São Paulo – SP

Diretora Executiva - Elna Maria de Barros Melo

Sindicato dos Servidores Públicos Federais do Estado de Pernambuco - PE

Diretora Executiva - Mara Luzia Feltes

Sindicato dos Empregados em Empresas de Assessoramentos Perícias Informações Pesquisas e de Fundações Estaduais do Rio Grande do Sul - RS

Diretora Executiva - Maria Rosani Gregorutti Akiyama Hashizumi

Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo Osasco e Região - SP

Diretor Executivo - Nelsi Rodrigues da Silva

Sindicato dos Metalúrgicos do ABC - SP

Diretor Executivo - Paulo de Tarso Guedes de Brito Costa

Sindicato dos Eletricistas da Bahia - BA

Diretor Executivo - Sales José da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de São Paulo Mogi das Cruzes e Região - SP

Diretora Executiva - Zenaide Honório

Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo – SP

Direção Técnica

Fausto Augusto Júnior – Diretor Técnico

José Silvestre Prado de Oliveira – Diretor Adjunto

Patrícia Pelatieri – Diretora Adjunta

Equipe Responsável

Altair Garcia

César Andaku

José Álvaro Cardoso

Thomaz Ferreira Jensen

Carlindo Rodrigues de Oliveira (revisão)